



**JOSÉ COSTA
PINTO**

Sócio fundador
da Costa Pinto
Advogados

DIZ-ME COM QUE “ESG” ANDAS, EU TE DIREI QUEM ÉS

A sigla “ESG” invadiu os textos dedicados à gestão de empresas e os debates sobre desenvolvimento económico. As três letras que compõem esta sigla respeitam às palavras “E”nvironmental “S”ocial e “G”overnance e pretendem significar três vetores fundamentais que se pretendem ver incluídos nas preocupações dos gestores na gestão das sociedades e no desenvolvimento das suas atividades, por forma a garantir um “desenvolvimento sustentável”.

Neste contexto, é hoje solicitado às empresas que, a par de boas ideias e de bons produtos, se organizem igualmente de forma a garantir a sustentabilidade do seu negócio e das pessoas que contribuem para o mesmo, aqui se incluindo os seus acionistas, trabalhadores, fornecedores, clientes, financiadores e, na verdade, todos aqueles que se inserem na comunidade em que cada empresa se insere.

Para o cidadão comum, habituado ao surgimento de anglicismos e conceitos siglados, provavelmente este será apenas mais um que sairá de cena com a mesma velocidade com que entrou. Contudo, percecionando a consistência do movimento que está na base desta evolução, duvido que assim será. Desde a chamada “Agenda 2030” aprovada pela Assembleia-Geral das Nações Unidas em 2015, passando pela forma como a União Europeia abraçou o tema e tem legislado sobre o mesmo (por exemplo, o Regulamento (EU) 2019/2088 do Parlamento Europeu e do Conselho de 27 de novembro de 2019, relativo à divulgação de informações relacionadas com a sustentabilidade no setor

dos serviços financeiros), é evidente a consistência com que estas preocupações estão a ser colocadas na agenda.

Quem segue de perto o fenómeno percebe, aliás, que o “ESG” (já) vale hoje dinheiro, não só no que respeita aos objetivos de financiamento sustentável dependentes deste tipo de matérias, mas também porque é perceptível – por vezes até numa escala micro – que muitos agentes de mercado na escolha de um potencial alvo do seu investimento avaliam (também) o grau de adoção ou não de práticas sustentáveis nas vertentes ambientais, sociais e de governance. Esta é uma consequência da força dos movimentos sociais e políticos que têm promovido o debate e as iniciativas e do aumento da consciência social daqueles que percebem que não há “planeta b” e que a devastação económica e social originada por crises decorrentes da ganância humana não se podem repetir.

Contudo, por mais virtualidades que existem neste tipo de movimentos, que são evidentes e louváveis, como sempre na vida a cautela é uma característica dos sábios e, sem dúvida, que embarcar em ondas sem substância pode significar um custo elevado para todos.

Em tempos em que (cada vez mais) “diz-me com que “ESG” andas, eu te direi quem és”, é preciso ponderação e foco no que é relevante e evitar “modas”, porque, por vezes, como escreveu Oscar Wilde, “nada há tão perigoso como ser excessivamente moderno”, pois “existe a tendência para ficar fora de moda sem se dar por isso”. 